

# A OFICINA DE CULTURA POLÍTICA NO PROJETO COMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA

Paulo Roberto Figueira Leal\*  
Rafael do Nascimento Grohmann\*\*  
Rodrigo Souza Silva\*\*\*

## RESUMO

O artigo apresenta os resultados da oficina de Cultura Política desenvolvida no âmbito do projeto de extensão e pesquisa *Comunicação para a Cidadania*, financiado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), pela Fapemig e pelo Ministério da Cultura. Nesta oficina, ministrada em 2008 e 2009 a jovens de escolas públicas provenientes de bairros periféricos de Juiz de Fora-MG, buscou-se verificar quais eram os valores políticos dos adolescentes e o quanto dessas visões decorria das informações recebidas por eles da mídia (pressupondo-se que os valores hegemônicos seriam majoritários na circulação midiática e, portanto, estariam presentes nas opiniões). Paralelamente, objetivava-se efetivar com eles discussões temáticas específicas, relacionadas à política, a partir de valores contra-hegemônicos, de modo a levá-los à reflexão crítica e, se possível, à ação efetiva.

**Palavras-chave:** Comunicação. Política. Ideologia. Extensão.

## 1 Introdução

O presente artigo apresenta os resultados parciais, até o final do primeiro semestre de 2009, da oficina de Cultura Política ministrada no projeto de pesquisa-extensão *Comunicação para a Cidadania: Tecnologias, Identidade e Ação Comunitária*, financiado pela UFJF e Fapemig. O objetivo geral do *Comunicação para a Cidadania* foi contribuir para a democratização da comunicação e para o exercício da cidadania de jovens de bairros periféricos de Juiz de Fora-MG, estudantes de escolas públicas. As evidências não incluem as turmas atendidas pelo projeto no segundo semestre de 2009 – cujos resultados serão discutidos em artigo posterior.

A estes jovens foram oferecidas atividades em oficinas, conduzidas por professores da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e seus bolsistas de iniciação científica e de extensão, que procuravam estimular uma maior reflexividade dos participantes com relação aos conteúdos midiáticos. Foram seis as oficinas: de Novas Tecnologias, Jornal Impresso, Rádio, Fotografia, TV e Cultura Política. É a esta última oficina que este artigo se referencia.

---

\* Professor Orientador da Faculdade de Comunicação – UFJF - pabeto.figueira@uol.com.br

\*\* Graduado em Ciências Sociais pela UFJF, Mestrando em Comunicação na Universidade de São Paulo e Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq)

\*\*\* Graduando em Comunicação - UFJF e Bolsista PET (MEC/Sesu)

## 2 Metodologia

A oficina de Cultura Política buscava refletir mais diretamente sobre o contexto político contemporâneo e o significado dessa instância tão pouco compreendida e explorada por parcelas significativas da juventude. Uma das metas da oficina era verificar quais eram, na chegada, os valores políticos desses jovens e o quanto dessas visões decorreria das informações recebidas por eles da mídia (pressupondo-se que os valores hegemônicos seriam majoritários na circulação midiática e, portanto, estariam presentes nas opiniões dos adolescentes).

Paralelamente, objetivava-se efetivar com eles discussões temáticas específicas, relacionadas à política, a partir de valores contra-hegemônicos, de modo a levá-los à reflexão crítica e, se possível, à ação efetiva: a partir das atividades trabalhadas com os jovens, procurou-se conduzi-los não só a repensar as possibilidades de ação política na comunidade e na escola, entre outros espaços, mas a efetivamente virem a implementá-las.

Em 2008, a base territorial trabalhada pelo projeto foi a Escola Municipal Santa Cândida, localizada no bairro homônimo da Zona Leste de Juiz de Fora. As atividades iniciaram-se com 16 adolescentes, entre 14 e 17 anos, cursando entre a quinta e a nona séries, dos quais chegaram ao final das atividades sete deles, seis meninas e apenas um menino. Segundo Lahni e outros (2009), o grande número de desistências se deveu, principalmente, às premências de inserção de muitos deles no mercado de trabalho, já que naquele momento o projeto não disponibilizava bolsas.

As oficinas foram realizadas na Casa de Cultura/UFJF, entre os meses de agosto e novembro de 2008. Além daquelas relacionadas à comunicação, a Faculdade de Serviço Social acompanhou o grupo de adolescentes, através de encontros quinzenais, nos quais foram trabalhados aspectos socioeducativos juntamente a outros temas delineados pelo projeto.

Já no primeiro semestre de 2009, o projeto *Comunicação para a Cidadania* passou a integrar o programa *Educação e Cultura Geracional*, financiado pelo Ministério da Cultura (o que levou à possibilidade de ofertar bolsas para os adolescentes), e 31 jovens dos bairros São Pedro, Santa Cândida e Dom Bosco foram selecionados para frequentar as oficinas – no primeiro semestre, 15 deles iniciaram os encontros de Cultura Política. Mas, ao chegarem aos primeiros encontros da oficina, que valores políticos tinham os jovens dessas turmas e o quanto dessas visões decorria do consumo midiático?

Berger e Luckmann (1985) sustentam que a percepção que cada um de nós tem da realidade decorre, fundamentalmente, dos processos de socialização e das interações que desenvolvemos com outros indivíduos e instituições – essas relações comunicativas nos oferecem universos simbólicos compartilhados fundamentais para nossa percepção e atribuição de significado às coisas do mundo e a nós mesmos.

Já Goffman (1974) aponta que os enquadramentos (entendidos como modelos de interpretação e seleção que definem ênfases e exclusões utilizadas para organizar o discurso) constituem recortes culturais cruciais para a organização de nossas visões de mundo. Também o sistema midiático contemporâneo – tão importante como fonte de informação e transmissão de valores para milhões de cidadãos mundo afora – opera a construção de seus discursos por meios de enquadramentos, como observa Gitlin (1980).

Mas quais são as implicações disso na constituição da visão de mundo dos indivíduos? Num contexto em que, a cada dia mais, a esmagadora maioria das certezas não provém da experiência direta, mas de informações mediadas pelo aparato da comunicação de massa, é razoável supor que as valorações (explícitas ou implícitas) majoritárias na discursividade da mídia impactam, em alguma medida, as visões daqueles que dependem excessivamente – ou exclusivamente – dessas fontes para formar juízo sobre a realidade.

Pressupõe-se aqui que valores ideológicos hegemônicos - que têm acesso privilegiado à mídia - podem ser introjetados, em alguma proporção, por indivíduos e grupos. Como esse discurso é predominantemente marcado por uma visão de desconfiança em relação às instâncias coletivas

(chegando-se até mesmo à demonização do Estado), até que ponto ele é assimilado e internalizado (consciente ou inconscientemente) por jovens de regiões periféricas, cujo acesso à informação é fortemente limitado por conta de suas condições socioeconômicas? Nesse sentido, o trabalho da oficina tinha um duplo objetivo: verificar se isso efetivamente acontecia e, em caso afirmativo, apontar se as discussões ali realizadas – a partir de leituras contra-hegemônicas – poderiam conduzir os jovens à adoção de outras visões e outras práticas no espaço público, mais participativas e colaborativas.

### 3 Resultados

Os resultados dos questionários respondidos pelos adolescentes nos primeiros dias da oficina de Cultura Política em 2008 e 2009, com um total de 36 respondentes, referem-se a turmas provenientes de bairros distintos que foram atendidos numa ou noutra oportunidade. Os jovens de São Pedro, Dom Bosco, São Benedito, São Sebastião, Santa Cândida e Granjas Betânia tinham, no momento das respostas, entre 14 e 18 anos (com média de 16 anos).

A televisão estava presente em todos os lares e ainda detinha crucial importância na vida destas pessoas, já que 41,7% afirmaram utilizá-la como principal veículo para busca de notícias sobre política. A centralidade televisiva era reforçada pela resposta à questão “horas por dia assistindo à TV”: as respostas variaram de 2 a 13 horas, com média de 3,4 horas por dia.

Sobre o mundo da política, 80,6% dos pesquisados afirmaram não se interessar pelo tema. A justificativa mais usada, por 25% dos jovens, era de que a política seria “chata”. Igual fatia de 25% dos respondentes não justificou a sua resposta. Outras justificativas dadas foram: “não gosto”, “não entendo”, “não voto”, “porque é só corrupção”. Entre os 19,4% que afirmam se interessar pela área, houve justificativas como: “vou começar a votar”, “porque traz conhecimento”, “é legal”, “é um meio de expressão”, “para ver se os políticos cumprem as promessas”, “para ver ideias novas”.

Foi-lhes pedida uma definição de política: 33,4% não responderam ou não souberam dizer o que ela seria. A definição mais usada era a de política como perda de tempo, em 13,9% dos casos – um bom indicativo do conceito negativo que eles, em sua maioria, tinham sobre o tema. Outras justificativas: “brigas”, “eleição”, “corrupção” (que, juntas, somam 22,2%). Poucos respondentes apresentaram visão dissonante desta leitura depreciativa.

As últimas perguntas deste questionário inicial, respondido no primeiro encontro realizado pela oficina em cada turma, abordavam a participação dos jovens em alguma associação, seja ela de bairro, religiosa ou estudantil, por exemplo. 86,1% responderam negativamente à pergunta, com alguns justificando a não-existência de um espaço como esse em seus bairros. Os 11,1% que responderam “sim” à pergunta participavam de associações religiosas, o que evidenciou a falta de pluralidade de espaços públicos nos bairros de regiões periféricas da cidade.

Resumindo, os dados revelados pelo questionário inicial reforçavam as hipóteses sobre o perfil dos jovens quando começaram as atividades da oficina: desinteressados por política, vista por eles como algo limitado (e compreendido apenas na sua dimensão de disputa pelo poder do Estado, considerado negativamente) e não relacionado à vida de cada um. Na verdade, as soluções para seus problemas individuais ou os problemas coletivos de suas comunidades, na visão da maioria, não passavam pela política – ao contrário, demandavam sua negação.

Mas estas visões se mantiveram inalteradas ao longo das discussões? Uma vez instados a refletir sobre questões de política a partir de outro enfoque, durante os módulos, houve mudanças nas visões dos jovens? Para responder a essa questão, um questionário com respostas dissertativas foi aplicado às turmas ao fim das atividades, com perguntas sobre violência urbana, ações políticas e falta de oportunidades culturais e de emprego.

As respostas trazem indícios de algum desenvolvimento e maior sofisticação política dos adolescentes. Há de se destacar, no entanto, que, na turma de 2008, somente cinco pessoas responderam às questões, dado o esvaziamento daquele grupo, que terminou com apenas sete alunos dos 16 que iniciaram o ano.

A primeira questão perguntava se problemas como a violência urbana, a dependência de drogas e a falta de oportunidades culturais e de emprego entre os jovens estariam ligadas à causas políticas. Em caso afirmativo, quais seriam estas causas. Todos responderam afirmativamente, e a ênfase maior foi na questão do emprego: “com a política podem ser criadas leis a favor da população, como o primeiro emprego”, “oportunidades que não são dadas a essas pessoas, como um emprego digno, uma moradia”, “em uma entrevista para emprego só será selecionada uma pessoa, e as causas são a falta de investimento para poder mudar esses problemas”.

Como podemos observar, a falta de verbas e investimentos nestas áreas eram problemas destacados, “fazendo com que as pessoas sejam levadas a arrumar dinheiro de outra forma”, “o mundo em que vivemos tem muita corrupção, e os nossos governantes não fazem o que realmente deve ser feito para melhorar e resolver estes problemas, surgindo, assim, a desigualdade e os problemas em comunidades carentes”.

Após o diagnóstico destes problemas como causas relacionadas ao mundo da política, a segunda questão indagava: “quais são as ações políticas que podem ser desenvolvidas por você para lutar contra esses problemas?”. Eles destacavam o grêmio estudantil, a associação do bairro, eventos culturais, palestras, conscientização dos problemas através da divulgação de folhetos, palestras, debates entre os jovens, criar uma ONG.

Ressaltavam também a importância do voto e da televisão como formas de protesto. Um dos jovens diz ainda que “não saberia organizar uma ação política”, mas via que as pessoas às vezes faziam manifestações, não sabendo ele, no entanto, se os resultados eram positivos. Trata-se do caso mais descrente entre os jovens com relação à ação política. Mas mesmo aí fica clara a percepção do papel estratégico da comunicação nas lutas políticas – e da necessidade de que se desenvolvessem políticas de comunicação mais inclusivas.

A terceira questão perguntava em quais espaços de atuação política o jovem poderia se envolver para melhorar sua vida e das pessoas ao seu redor e o que poderia ser feito nesses espaços. A maioria dos jovens destacava a importância da associação de bairro e da escola, através do grêmio estudantil, com um exemplo de grupo de jovens para promover espaços culturais, palestras, músicas, debates e festas.

É preciso ressaltar que este foi o único exemplo prático dado pelos respondentes daquilo que poderia ser feito num espaço de atuação política – os outros apenas explicitaram os locais que podem servir de atuação política. E um dos jovens foi especialmente pessimista: “em nenhum, pois não sei que espaços são esses e não entendo o bastante de política para me envolver em um espaço de atuação para melhorar a vida de outras pessoas”.

Ou seja, apesar de a maioria deles ter, ao longo da oficina, percebido que a política está relacionada a seus problemas cotidianos (e que não se resume à disputa pelo poder do Estado, nem deve ser negada), traços ideológicos que reiteravam uma visão de mundo marcada pelo individualismo ainda apareceram fortemente em respostas como essa. Mas as respostas nos questionários talvez sejam insuficientes para dar conta das valorações ideológicas profundas – e das mudanças ocorridas ao longo da oficina. Abordagens interpretativas da própria relação estabelecida nos encontros constituem evidências úteis.

## 4 Discussão

Como os encontros da oficina tinham como objetivo discutir com os jovens as várias formas de se agir politicamente em diferentes âmbitos da sociedade (e demonstrar que política não é uma atividade restrita aos governantes), foram escolhidos temas que, de alguma maneira, tivessem relação

com o cotidiano de suas comunidades. Foram tratadas questões como: violência, racismo, falta de oportunidades, sexualidade, gênero, eleições, participação estudantil, território e espaço público, e juventude e sua representação nos meios de comunicação.

Na perspectiva de extrair informações sobre as concepções dos jovens para além daquilo que eles responderiam nos questionários aplicados, os bolsistas do projeto estavam instruídos a observar as reações dos adolescentes enquanto os debates eram feitos, com base nos pressupostos e ferramentas de observação participante. Devido à complexidade dos temas tratados (e também à resistência que os adolescentes tinham em relação ao tema), optou-se pela diversificação metodológica na condução dos encontros.

Apesar da valorização da produção oral – seja pelas exposições iniciais daquele que eventualmente conduzia a dinâmica, seja pelo estímulo à verbalização dos jovens – outras atividades foram escolhidas para incentivar a movimentação e otimizar os níveis de participação. A escolha temática atendeu ao critério de trazer à tona assuntos relacionados o mais possível à vida cotidiana.

Dessa maneira, no primeiro encontro da turma do segundo semestre de 2008, por exemplo, cujo tema era violência, a metodologia escolhida foi a oferta de um vídeo. Dada a existência, entre eles, de uma cultura audiovisual – e a centralidade da TV em suas vidas cotidianas era um indicador disso – optou-se por exibir um trecho do documentário *Notícias de uma guerra particular*, de João Moreira Salles e Kátia Lund, de 1999.

O filme retrata o cotidiano dos moradores e traficantes do morro da Dona Marta, no Rio de Janeiro, através de entrevistas com pessoas que estavam de alguma forma próximas à rotina do tráfico de drogas. O objetivo era estabelecer comparações entre o que era mostrado pelo documentário e o que os jovens presenciavam no cotidiano, assim como fazê-los refletir sobre a forma naturalizada (e usualmente acrítica) com que viam a violência. Além disso, outras formas de violência que não a física foram abordadas, como a violência moral, a violência psicológica e a violência simbólica. Tentou-se, também, estimular uma visão crítica dos meios de comunicação, discutindo sobre como o bairro deles era representado pelos telejornais da cidade.

A participação dos jovens foi surpreendente. Eles relataram várias experiências que tiveram ou que presenciaram em relação aos vários tipos de violência, como brigas, vezes em que foram parados pela polícia, ocasiões em que sofreram discriminação ao entrarem em lojas. Além disso, disseram gostar bastante de ouvir músicas, principalmente as dos gêneros *funk*, *hip-hop* e *rap*, pois se sentiam representados nas letras.

Assim, no segundo encontro com essa turma, optou-se por abordar o tema racismo através de duas músicas: um samba, *Canto das três raças*, de Clara Nunes, e um *rap*, *Racismo é burrice*, de Gabriel Pensador. Buscou-se discutir a origem histórica do racismo e a participação política e cultural que os grupos excluídos têm na sociedade, sobretudo no que se refere aos negros. Os jovens refletiram também sobre como o negro é representado pelos meios de comunicação, principalmente nas novelas, nas quais quase sempre estão em menor número e exercendo papéis secundários. Por fim, a discussão chegou à politização da questão do racismo e do preconceito nas escolas.

O tema do encontro seguinte foi a falta de oportunidades, envolvendo as distintas classes sociais, e as diferenças de empregabilidade. Abordaram-se a educação e a acessibilidade dos jovens em relação às escolas. Para isso, foi escolhido um trecho do documentário *Pro dia nascer feliz*, de João Jardim, como forma de iniciar a discussão. O filme aborda a realidade do sistema escolar brasileiro ao entrevistar alunos de 14 a 17 anos, de diferentes classes sociais, e professores de escolas públicas e particulares.

Procurou-se fazer com que os jovens refletissem acerca de seu próprio ambiente escolar, dos problemas e de como resolvê-los. Além disso, discutiu-se sobre espaços culturais dentro das escolas, como atividades envolvendo música, esportes, e sobre formas de participação dos alunos, como grêmios estudantis.

Os temas sexualidade e gênero foram abordados em um mesmo encontro. A metodologia escolhida para esta oficina foi o estímulo à produção criativa dos jovens: eles montaram painéis

com imagens publicitárias, de forma a estimular a consciência crítica em relação a estereótipos femininos e masculinos em diversos âmbitos que são frequentemente veiculados nos meios de comunicação. Várias imagens relacionadas aos temas foram recortadas de revistas e jornais.

Em seguida, foi pedido que eles escolhessem as imagens que lhes chamassem mais atenção. Logo após, discutiu-se sobre o que os motivou a escolher tais fotos, problematizando os elementos retratados. Entre os temas discutidos estavam os papéis sociais que são comumente associados ao homem e à mulher, questões envolvendo homossexualidade, preconceito e formas de combatê-lo.

Como política envolve também a questão dos representantes que escolhemos através do voto e como estávamos em época de eleições para a prefeitura da cidade, o tema do encontro seguinte foi o cenário eleitoral. Depois de responderem a algumas questões, foram exibidos programas de TV do horário de propaganda eleitoral gratuita, de maneira a fazer com que apontassem o que estava proposto pelos candidatos. No entanto, as críticas feitas pelos jovens centraram-se nos próprios programas, considerados “chatos”, e não em relação ao conteúdo das propostas.

As opiniões verbalizadas pelos adolescentes sobre os candidatos provieram mais de imagens e informações externas aos programas, como boatos e históricos dos mesmos, do que de alguma reflexão suscitada pelos programas. Os elementos de despolitização e de não percepção das questões ideológicas de fundo revelavam-se mais uma vez: a demonização do poder público foi outro traço perene – bem em conformidade com uma identidade ideológica liberal, reverberada pela mídia, que sistematicamente associa tudo que é público ou estatal à ineficiência.

No encontro que abordou o tema participação estudantil, foi utilizada outra plataforma de comunicação: a Internet. O objetivo era incentivar os jovens a realizarem pesquisas sobre assuntos diversos e mostrar para eles que a rede tem muitas possibilidades além de *sites* de relacionamento e programas de mensagens instantâneas. Além disso, preferiu-se ampliar a discussão para movimentos sociais, no qual a participação estudantil estaria incluída. Para tal, algumas palavras foram sorteadas entre os jovens. Entre elas, “movimento estudantil”, “movimento negro”, “movimento feminista”, “movimento dos sem terra”, “grêmio estudantil”.

Os jovens se organizaram em duplas, cada um dividindo um computador e tendo a meta de pesquisar sobre o movimento que se havia sorteado. Após a pesquisa, o grupo se reuniu em uma roda para partilhar a pesquisa realizada, opiniões sobre os movimentos e ideias para criação de novos grupos para lutar por causas distintas.

Na oficina seguinte, o tema foi espaço público e privado. Neste encontro, cujo objetivo era a desmistificação da imagem de ineficiência e de mau funcionamento que comumente é associada à palavra público, debateu-se a necessidade de valorizar a ação coletiva em detrimento de uma perspectiva individualista. Para isso, houve uma breve discussão sobre quais espaços seriam públicos e quais seriam privados, a diferença entre os conceitos, sobre como a sociedade se relacionava com o espaço público, além de possíveis formas de atuação. Os jovens associaram espaço público a um lugar onde todos podem entrar e estar, e privado como algo pertencente a alguém, só sendo possível a entrada quando permitida.

Posteriormente, eles levantaram questões sobre espaços comerciais e igrejas, refletindo sobre se estes seriam espaços públicos ou privados. Em seguida, foi pedido aos jovens que fizessem cartazes com desenhos, colagens e frases sobre espaços públicos, envolvendo problemas e possíveis soluções. A dificuldade inicial de que eles percebessem a dimensão do que seja público provavelmente revela a marca ideológica mais clara a demonstrar-se como estruturante de suas valorações e visões de mundo: o individualismo.

O último tema abordado foi a relação entre juventude e os meios de comunicação. Propôs-se aos jovens que fizessem um jornal mural para exposição na mostra que finalizaria o projeto. Assim, eles puderam refletir e discutir sobre os mais variados assuntos abordados durante todo o decorrer da oficina, relacionando-os com os meios de comunicação. Foram utilizados trechos de

músicas, poesias, imagens, notícias, frases e desenhos. O mural foi exibido durante uma mostra que também expôs os trabalhos desenvolvidos em todas as outras oficinas.

## 5 Conclusão

As hipóteses iniciais se confirmaram: uma vez tendo formado juízo sobre política a partir dos enquadramentos dados pela comunicação de massa – que normalmente a associam apenas à disputa pelo poder e aos eventuais escândalos dela decorrentes – as visões dos adolescentes eram marcadas, ao iniciarem a oficina, por uma leitura simplista e negativa da política. Eles não percebiam as possibilidades de atuação política fora dos espaços eleitorais, nem conectavam a política às possibilidades de resolução de seus problemas individuais ou coletivos.

As marcas do individualismo e da demonização das esferas públicas de atuação (em especial do Estado) – traços relevantes da identidade ideológica liberal, hegemônica nos discursos midiáticos – também apareceram com intensidade nas falas e textos produzidos pelos adolescentes, sobretudo nos momentos iniciais.

Contudo, mesmo que longe de um patamar que possa ser considerado ideal, o percurso da oficina oferece evidências de que processos de reflexão e de estímulo à ação no espaço público ali se iniciaram. Além dos indicativos já extraídos das respostas dos jovens nos questionários e de suas participações nos encontros, dados posteriores indicam as potencialidades de ações como esta.

O fato de que algumas adolescentes, a partir da oficina, empreenderam esforços para organizar um grêmio (até então inexistente) em sua escola, ou de que outras tenham tomado a iniciativa de procurar a associação de moradores de seu bairro para instalar uma Comissão de Juventude, apontam para a possibilidade de que muitos jovens tenham caminhado em direção à politização.

Entende-se aqui politização por capacidade de reflexão, de escolha autônoma, de organização coletiva e de interferência na realidade. Se esta combinação se impuser e for capaz de oferecer contrapesos à posição hegemônica, cria-se uma potencialidade crítica de reação aos discursos que ocultam suas dimensões ideológicas – e todo discurso é ideológico. Deste modo, a percepção de que a vida no espaço público é capaz de impactar cada vida privada é, em grande medida, um avanço que conduz os jovens à atuação política, mais do que à mera replicação de valores naturalizantes do individualismo e da inação.

## THE POLITICAL CULTURE WORKSHOP IN THE PROJECT COMMUNICATION FOR CITIZENSHIP

### ABSTRACT

This article presents the results of a Political Culture workshop, placed within a research and extension program called *Communication For Citizenship*, sponsored by the UFJF, Fapemig and the Brazilian Ministry of Culture. The workshop took place in 2008 and 2009 with adolescents from public schools of distinct peripheral neighborhoods in the city of Juiz de Fora -MG. The project aimed at uncovering the political values of those teenagers and assessing how much of these values were motivated by the media (presupposing they would emerge during the discussion since hegemonic values are majority in the media). Moreover, there were efforts to discuss specific subjects, related to politics, based on counter-hegemonic values, leading them to develop critical thinking and, if possible, to effective actions.

**Keywords:** Communication. Politics. Ideology. Extension.

## Referências

- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOBBIO, N. **Direita e Esquerda**. São Paulo: UNESP, 2001.
- COUTINHO, C. N. **Fontes do pensamento político**. Rio de Janeiro: L & PM, 1980.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004. (Série Princípios).
- GITLIN, T. **The whole world is watching: mass media in the making and unmaking of the new left**. Berkeley: University of California Press, 1980.
- GOFFMAN, E. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. New York: Harper and Row, 1974.
- HAYEK, F. A. V. **O Caminho da servidão**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.
- LAHNI, C.; COUTINHO, I.; FELZ, J.; FUSER, B.; LEAL, P. R. F.; MUSSE, C.; REZENDE, R. Projeto de Extensão da UFJF trabalha educomunicação com adolescentes de escola pública. In: Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 4., 2009, Dourados-MS. **Anais...** Dourados, MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 2009.
- LEAL, P. R. F. **A construção discursiva da identidade política liberal na contemporaneidade: a incerteza como chave identitária e como argumento de comunicação de massa**. In: **Comunicação: tecnologia e identidade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 183-195.
- WATTENBERG, M. **The rise of candidate-centered politics: presidential election of the 1980s**. Cambridge: Harvard University Press, 1991.
- WOLTON, D. **Elogio do Grande Público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 2006.